# A Noite do Deus Negro ("The Dark Man")

por Robert E. Howard

Originalmente publicado em dezembro/ 1931

"Pois esta é a noite em que se desembainham as espadas, e a torre pintada das hordas pagãs se inclina sob nossos martelos, fogos e cordas; se inclina um pouco e cai". (Chesterton)

Um vento cortante soprava na neve que caía. A rebentação grunhia ao longo da costa rugosa e, mais longe, as longas ondas cor-de-chumbo gemiam incessantemente. Pelo amanhecer cinzento que se aproximava da costa de Connacht, um pescador caminhava penosamente – um homem tão rude quanto a terra que o sustentava. Seus pés estavam envoltos em couro mal curado; uma única vestimenta, de pele de cervo, lhe delineava escassamente o corpo. Não vestia outra roupa. Enquanto caminhava impassível pela costa, tão indiferente ao frio cortante quanto o animal peludo que aparentava à primeira vista, ele parou. Outro homem surgiu, entre o véu da neve que caía e a flutuante névoa marinha. Turlogh Dubh se erguia diante dele.

Era quase uma cabeça mais alto que o atarracado pescador, e tinha o porte de um guerreiro. Um único olhar fugidio não seria suficiente, mas qualquer homem ou mulher, cujos olhos pousassem em Turlogh Dubh, fitariam-no por um longo tempo. Ele tinha um metro e oitenta e cinco de altura, e a primeira impressão da magreza desaparecia após um exame mais atento. Era grande, mas bem moldado: tinha uma magnífica largura de ombros e peito. Era longo, porém sólido, combinando a força de um touro com a esbelta agilidade de uma pantera. O mais leve de seus movimentos mostrava a coordenação de aço de um super-lutador. Turlogh Dubh... Turlogh O Negro, outrora do clã O' Brien. Era negro o seu cabelo, e escura a sua pele. Sob espessas sobrancelhas negras, brilhavam olhos de um quente azul vulcânico. E, em seu rosto bem barbeado, havia algo da melancolia de montanhas escuras, do oceano à meia-noite. Assim como o pescador, ele era parte daquela terra feroz.

Em sua cabeça, usava um simples capacete sem viseira, penacho ou símbolo. Do pescoço até a metade das coxas, estava protegido por um bem-ajustado colete, de negra malha metálica. O kilt que vestia sob a armadura, e que lhe alcançava os joelhos, era de tecido simples. Suas pernas estavam envoltas em um couro duro, capaz até de desviar o fio de uma espada, e seus sapatos estavam gastos de tanto viajar.

Um largo cinto envolvia-lhe a cintura estreita, sustentando um longo punhal numa bainha de couro. Em seu braço esquerdo, trazia um pequeno escudo redondo, de madeira coberta por pele, duro como ferro, reforçado com aço, e com uma ponta pequena e forte no centro. Um machado pendia de seu punho direito, e foi para ele que os olhos do pescador se dirigiram. A arma, com seu cabo de mais de 90 centímetros e linhas graciosas, parecia fina e leve, quando o pescador comparou-a mentalmente com os grandes machados carregados pelos escandinavos. Entretanto, mal haviam passado três anos, como sabia o pescador, desde que machados como este haviam destroçado as hordas nórdicas, em rubra derrota, e quebrado para sempre o poder pagão.

Havia algo individual no machado e no seu dono. Não era como nenhum outro que o pescador já tinha visto. Tinha uma só lâmina, com uma curta ponta de três fios atrás e outra sobre a cabeça. Como quem a levava, era mais pesado do que parecia. Com sua haste levemente curvada e a arte graciosa da lâmina, parecia a arma de um perito... rápida, letal, mortífera, como uma cobra. A lâmina era do mais fino acabamento irlandês, o que, naquela época, significava o melhor do mundo. O cabo, cortado da copa de um carvalho centenário, especialmente endurecido ao fogo e reforçado com aço, era tão inquebrável quanto uma barra de ferro.

- Quem é você? – perguntou o pescador, com a rudeza do oeste.

- Quem é você pra perguntar? – respondeu o outro.

Os olhos do pescador vagaram para o único adorno que o guerreiro usava... um pesado bracelete de ouro no braço esquerdo.

- Bem barbeado e o cabelo cortado à maneira normanda. – ele murmurou – E escuro... você deve ser Turlogh O Negro, o proscrito do Clã O'Brien. Você viaja muito; ouvi falar de você pela última vez, nas colinas Wicklow, pilhando tanto os O'Reillys quanto os homens de Oast.

- Um homem precisa comer, proscrito ou não. – grunhiu o dalcasiano.

O pescador encolheu os ombros. Um homem sem dono... era um caminho difícil. Naqueles dias de clãs, quando os próprios parentes de um homem o expulsavam, ele se tornava um filho de Ismael, com uma vingança a cumprir. Todos os homens estavam contra ele. O pescador ouvira falar de Turlogh Dubh... um homem estranho e amargo, um terrível guerreiro e um astuto estrategista, mas alguém a quem súbitas explosões de estranha loucura tornavam-no um homem marcado, mesmo naquela terra e época de loucos.

- Está um dia duro. – disse o pescador, despropositadamente.

Turlogh olhou fixa e sombriamente aquela barba emaranhada e aquele cabelo enredado:

- Você tem um barco?

O outro apontou com a cabeça para uma pequena enseada abrigada, onde estava bem ancorada uma elegante embarcação, construída com a habilidade de cem gerações de homens que haviam arrancado seu sustento do teimoso mar.

- Mal parece navegável. – disse Turlogh.

- Navegável? Você, que nasceu e foi criado na costa ocidental, deveria saber melhor. Naveguei nele, sozinho, para a baía de Drumcliff e voltei, com todos os demônios do vento tentando despedaçá-lo.

- Você não pode pescar num mar assim.

- Acha que só os seus líderes se divertem arriscando suas peles? Pelos santos, já naveguei até Ballinskellings numa tempestade... e voltei também... só para me divertir.

- Muito bem. – disse Turlogh – Levarei seu barco.

- Vai levar o diabo! Que conversa é essa? Se quiser sair de Erin, vá para Dublin e leve o barco com seus amigos dinamarqueses.

Um sombrio franzir de testa transformou o rosto de Turlogh numa máscara de ameaça:

- Homens já morreram por menos que isso.

- Acaso você não conspirou com os dinamarqueses? E não foi por isso que seu clã lhe expulsou para morrer de fome na urze?

- O ciúme de um primo e o rancor de uma mulher. – grunhiu Turlogh – Mentiras... tudo mentiras. Mas chega. Você viu uma longa serpente, atacando desde o sul, nos últimos dias?

- Sim... três dias atrás, vimos uma galera com esporão de dragão, antes do chuvisco. Mas não ancorou... Acredite, os piratas não recebem nada dos pescadores ocidentais, a não ser golpes.

- Deve ter sido Thorfel, o Branco. – murmurou Turlogh, balançando seu machado pela correia do pulso – Eu sabia.

- Foi algum navio pilhando no sul?

- Um bando de saqueadores caiu à noite no castelo de Kilbaha. As espadas foram saciadas... e os piratas levaram Moira, filha de Murtagh, um chefe dos dalcasianos.

- Já ouvi falar nela. – murmurou o pescador – As espadas ficarão molhadas no sul... Um mar de sangue, hein, minha jóia negra?

- O irmão dela, Dermod, jaz indefeso com um ferimento no pé. As terras do clã dela são assoladas pelos MacMurrougs a leste, e os O'Connors a norte. Não se pode afastar muitos homens da defesa da tribo, nem sequer para procurar Moira... O clã está lutando pela própria vida. Toda Erin cambaleia sob o trono dalcasiano, desde que o grande Brian caiu. Mesmo assim, Cormac O'Brien embarcou num navio para caçar seus raptores... mas ele segue uma trilha enganosa, pois acredita-se que os incursores fossem os dinamarqueses de Coningbeg. Bom... nós, os proscritos, temos nossos meios de informação... Foi Thorfel, o Branco, que domina a Ilha de Slyne, à qual os normandos chamam de Helni, nas Hébridas. Foi lá que ele a levou... e é lá que eu o seguirei. Empreste-me seu barco.

- Está louco! – gritou asperamente o pescador – O que está dizendo? De Connacht até as Hébridas num barco aberto? Neste tempo? Eu digo que você está louco.

- Vou tentar. – respondeu Turlogh de forma desatenta – Você vai me emprestar seu barco?

- Não.

- Eu poderia lhe matar e levá-lo. – disse Turlogh.

- Poderia. – replicou o pescador, imperturbável.

- Seu suíno rastejante! – rosnou o proscrito, em breve paixão – Uma princesa de Erin definha sob o abraço de um salteador de barba ruiva do norte, e você pechincha como um saxão.

- Homem, eu preciso viver! – gritou o pescador, com igual paixão – Leve meu barco, e morrerei de fome! Onde conseguirei adquirir outro como este? Ele é o melhor de seu gênero!

Turlogh levou a mão ao bracelete em seu braço esquerdo:

- Vou lhe pagar. Aqui está um torc que Brian Boru colocou em meu braço, com suas próprias mãos, antes de Clontarf. Leve-o; ele pode comprar cem barcos. Morri de fome com ele em meu braço, mas agora a necessidade é desesperada.

Mas o pescador sacudiu a cabeça; a estranha falta de lógica dos gaélicos ardia em seus olhos:

- Não! Minha cabana não é lugar para um torc que as mãos do rei Brian tocaram. Guarde-o... e leve o barco, em nome dos santos, se significa tanto pra você.

- Você o terá de volta, quando eu voltar – prometeu Turlogh –, e talvez a corrente de ouro que agora enfeita o pescoço taurino de algum salteador do norte.

O dia estava triste e cor de chumbo. O vento gemia, e a eterna monotonia do mar era como a mágoa que brota no coração do homem. O pescador permaneceu de pé nas rochas, e observou a frágil embarcação deslizar e se retorcer como uma serpente entre as rochas, até que a fúria do mar aberto o golpeou e agitou como a uma pluma. O vento inchou a vela, e o esguio barco saltou e cambaleou, para se endireitar e correr diante da ventania, diminuindo até se tornar um ponto dançante nos olhos do pescador. E então, uma agitação de neve o escondeu de sua vista.

Turlogh percebia algo da loucura de sua peregrinação. Mas ele havia crescido na dureza e no perigo. O frio, o gelo, a chuva e a neve, que congelariam um homem mais fraco, só faziam incentivá-lo a esforços maiores. Ele era tão duro e flexível quanto um lobo. Entre uma raça de homens cuja dureza assombrava até os escandinavos mais resistentes, Turlogh Dubh era único. Quando nasceu, fora lançado a um monte de neve, para testar seu direito à sobrevivência. Sua infância e adolescência foram passadas nas montanhas, costas e planícies áridas. Até a idade adulta, jamais havia usado roupas tecidas; uma pele de lobo havia sido a roupa deste filho de um chefe dalcasiano. Antes de ser proscrito, ele era capaz de cansar um cavalo, correndo o dia inteiro ao lado dele. Nunca havia se cansado ao nadar. Agora, desde que homens invejosos de seu clã haviam levado-o a terras selvagens e à vida do lobo, sua dureza era tal, que um homem civilizado não conseguia imaginá-la.

A neve parou, o tempo clareou e o vento parou. Turlogh precisou cingir-se à linha costeira, evitando as linhas de recifes, contra os quais ele parecia muitas vezes que ia se espatifar. Trabalhou incansavelmente com o leme, a vela e o remo. Nenhum homem entre mil marinheiros conseguiria fazê-lo, mas Turlogh o fez. Ele não precisava dormir; enquanto dirigia o navio, comeu as rudes provisões que o pescador havia lhe dado. Quando avistou Malin Head, o tempo havia se acalmado maravilhosamente. Ainda era um mar forte, mas o temporal havia se transformado numa intensa brisa que fazia o barco seguir aos pulos. Dias e noites se confundiam. Turlogh se dirigia para leste. Só por uma vez, ele parou em terra, para pegar água fresca e dormir algumas horas.

Enquanto dirigia o navio, pensou nas últimas palavras do pescador:

“Por que arriscar sua vida por um clã que pôs sua cabeça a prêmio?”.

Turlogh encolheu os ombros. Sangue era mais forte que água. O mero fato de sua gente ter lhe expulsado, para morrer como um lobo encurralado nas planícies áridas, não mudava o fato de eles serem sua gente. A pequena Moira, filha de Murtagh na Kilbaha, não tinha nada a ver com isso. Ele lembrava dela – havia brincado com ela, quando ele era um garoto, e ela um bebê. Lembrava do cinza profundo de seus olhos, do brilho lustroso de seus cabelos negros e da beleza de sua pele. Mesmo criança, ela já era notavelmente bonita... Ora, ela era apenas uma criança agora, pois ele, Turlogh, era jovem e era muitos anos mais velho que ela. Agora, ela corria para o norte, para se tornar a noiva involuntária de um salteador escandinavo. Thorfel, o Branco... o Belo. Turlogh praguejou pelos deuses que não conheciam a cruz. Uma névoa rubra ondulou diante de seus olhos, de modo que o mar agitado ficou vermelho ao seu redor. Uma garota irlandesa, cativa na moradia de um pirata escandinavo... com um puxão rancoroso, Turlogh virou a proa diretamente para o mar aberto. Havia um matiz de loucura em seus olhos.

É uma longa travessia de Malin Head a Helni, cruzando em linha reta os vagalhões espumantes, como Turlogh o fez. Ele estava procurando por uma pequena ilha que jazia, com muitas outras pequenas ilhas, entre Mull e as Hébridas. Um marinheiro moderno, com mapas e bússolas, teria dificuldade em achá-la. Turlogh não teve. Navegou por instinto e conhecimento. Ele conhecia esses mares como um homem conhece sua casa. Havia navegado por eles como incursor e como vingador, e uma vez como um cativo açoitado no convés de um navio-dragão dinamarquês. E seguia uma trilha vermelha. Fumaça saindo dos promontórios, pedaços flutuantes de navios naufragados e vigas chamuscadas, mostrando que Thorfel devastava seu caminho. Turlogh rosnou em selvagem satisfação; estava bem próximo do viking, apesar da longa distância. Pois Thorfel queimava e pilhava as costas em seu caminho, enquanto o curso de Turlogh era reto como uma flecha.

Ele ainda estava longe de Helni, quando avistou uma pequena ilha, levemente fora de seu curso. Sabia, há muito tempo, que ela era desabitada, mas ali ele poderia conseguir água fresca. Assim, ele se dirigiu a ela. Era chamada de A Ilha das Espadas, e ninguém sabia por quê. E, enquanto se aproximava da praia, viu uma cena que interpretou corretamente. Duas embarcações se encontravam na praia inclinada. Uma era rudimentar, um pouco semelhante à de Turlogh, mas consideravelmente maior. A outra era longa e baixa – inegavelmente viking. Ambas estavam abandonadas. Turlogh ficou

atento ao choque de armas e ao grito de batalha, mas reinava o silêncio. Pescadores, ele pensou, das ilhas escocesas; haviam sido avistados por algum bando de piratas, no navio ou em alguma outra ilha, e perseguidos no longo barco a remo. Mas havia sido uma perseguição mais longa do que previram, ele estava certo; do contrário, não a teriam começado numa embarcação aberta. No entanto, incendiados pela ânsia de matar, os salteadores haviam seguido sua presa através de 160 quilômetros de águas agitadas, numa embarcação aberta, se necessário.

Turlogh se aproximou da praia, lançou a pedra que servia como âncora e saltou sobre a areia, com o machado pronto. Então, a pouca distância praia adentro, ele viu uma estranha e vermelha confusão de formas. Umas poucas passadas rápidas colocaram-no frente a frente com um mistério. Quinze dinamarqueses de barbas vermelhas jaziam no próprio sangue, num círculo irregular. Nenhum respirava. Dentro deste círculo, misturados aos corpos de seus matadores, jaziam outros homens, como Turlogh nunca tinha visto. Eram de curta estatura e muito escuros; seus arregalados olhos mortos eram os mais negros que Turlogh já tinha visto. Estavam mal blindados, e suas mãos rígidas ainda agarravam espadas quebradas e adagas. Aqui e ali, jaziam flechas que haviam se espatifado nas couraças dos dinamarqueses, e Turlogh observou, surpreso, que muitas delas tinham ponta de sílex.

- Esta foi uma luta feroz. – ele murmurou – Sim, as espadas saciaram excepcionalmente sua sede. Quem é esta gente? Em todas as ilhas, nunca vi ninguém igual. Sete... é tudo? Onde estão seus camaradas, que os ajudaram a matar estes dinamarqueses?

Nenhuma pegada se afastava do local sangrento. A testa de Turlogh ficou sombria.

- Estes eram todos... sete contra quinze... mesmo assim, os matadores morreram com suas vítimas. Que tipo de homens são estes, que matam duas vezes seu número de vikings? São homens pequenos... suas armaduras são insignificantes. E, no entanto...

Outro pensamento lhe veio à mente. Por que os estrangeiros não haviam se dispersado e fugido, se escondendo no bosque? Ele acreditou saber a resposta. Ali, no próprio centro do círculo silencioso, jazia algo estranho. Era uma estátua, de alguma substância escura e em forma de homem. Tinha um metro e meio de comprimento – ou de altura –, e estava esculpida com uma aparência de vida que fez Turlogh se sobressaltar. Meio estendido sobre ela, jazia o corpo de um ancião, tão retalhado que mal parecia humano. Um braço delgado envolvia a figura; o outro estava estendido, com a mão segurando uma adaga de sílex que estava enfiada até o cabo no peito de um dinamarquês. Turlogh percebeu os ferimentos medonhos que desfiguravam todos os homens escuros. Foram difíceis de matar... lutaram até serem literalmente cortados em pedaços e, morrendo, haviam matado seus assassinos. Os olhos de Turlogh lhe mostraram muito. Nos rostos mortos dos estrangeiros escuros, havia um terrível desespero. Ele notou como suas mãos mortas ainda agarravam as barbas de seus inimigos. Um jazia sob o corpo de um enorme dinamarquês; e neste, Turlogh não conseguia ver ferimento algum. Até que olhou mais de perto e viu que os dentes do homem escuro estavam enfiados, como os de uma fera, no pescoço taurino do outro.

Ele se inclinou e arrastou a imagem de entre os corpos. O braço do ancião a agarrava, e ele foi forçado a arrancá-la com toda a força. Era como se, mesmo na morte, o velho se agarrasse a seu tesouro; pois Turlogh percebia que fora por essa imagem que os

pequenos homens escuros haviam morrido. Poderiam ter se dispersado e enganado seus inimigos, mas aquilo significaria abandonar a imagem deles. Escolheram morrer junto a ela. Turlogh sacudiu a cabeça; seu ódio pelos nórdicos, uma herança de injustiças e ultrajes, era algo ardente e vivo, quase uma obsessão, que às vezes o levava à beira da loucura. Não havia, em seu coração feroz, lugar para a piedade; a visão daqueles dinamarqueses, jazendo mortos aos seus pés, o enchia de selvagem satisfação. Mas aqui ele sentia, naqueles silenciosos homens mortos, uma paixão mais forte que a sua. Ali havia um impulso que os guiava, mais profundo que seu ódio. Sim... e mais antigo. Aqueles pequenos homens lhe pareciam muito antigos; não velhos como indivíduos, mas como raça. Até seus cadáveres transpiravam uma aura intangível e primitiva. E a estátua...

O gaélico se abaixou e agarrou-a, para erguê-la. Esperava encontrar um grande peso e ficou espantado. Não era mais pesada do que se fosse feita de madeira leve. Bateu nela, e o som era maciço. A princípio, pensou que fosse de ferro; logo, resolveu que era de pedra, mas uma pedra tal como nunca tinha visto; e sentiu que uma pedra semelhante não podia ser encontrada nas Ilhas Britânicas ou em nenhum outro lugar do mundo que conhecia. Pois, assim como os pequenos homens mortos, parecia velha. Era polida e livre de corrosão, como se esculpida ontem, mas Turlogh sabia que era um símbolo de antiguidade. Era a figura de um homem que se parecia muito com os pequenos homens escuros que jaziam a seu redor. Mas diferia sutilmente. Turlogh sentiu, de alguma forma, que esta era a imagem de um homem que vivera há muito tempo, pois certamente o desconhecido escultor havia tido um modelo vivo. E havia conseguido dar um toque de vida à sua obra. Ali estava a extensão dos ombros, a profundidade do peito, os braços poderosamente moldados; a força dos traços era evidente. O maxilar firme, o nariz regular, a testa alta, tudo indicava uma inteligência poderosa, uma elevada coragem, uma vontade inflexível. Certamente, pensou Turlogh, este homem era um rei... ou um deus. Mas ele não usava coroa; sua única roupa era uma espécie de tanga, trabalhada tão habilmente que cada vinco e dobra estava esculpido como se fosse real.

- Este era o deus deles. – refletiu Turlogh, olhando ao redor – Eles fugiam dos dinamarqueses... mas, por fim, morreram por seu deus. Quem é esta gente? De onde vieram? Para onde se dirigiam?

Ficou de pé, apoiando-se em seu machado, e uma estranha maré se ergueu em sua alma. Uma sensação de poderosos abismos de tempo e espaço se abriu diante dele; da estranha e interminável maré da humanidade, que anda sempre à deriva; das ondas de humanidade, que crescem e diminuem com o crescer e diminuir das marés. A vida era uma porta se abrindo sobre dois mundos negros e desconhecidos... e quantas raças de homens, com suas esperanças e medos, seus amores e ódios, haviam cruzado aquela porta, em sua peregrinação de escuridão a escuridão? Turlogh suspirou. No fundo de sua alma se moveu a tristeza mística do gaélico.

- Você foi um rei uma vez, Homem Escuro. – ele disse para a imagem silenciosa – Talvez tenha sido um deus e reinado sobre todo o mundo. Seu povo passou... como o meu está passando. Certamente, você foi um rei do Povo da Pedra, a raça que meus ancestrais celtas destruíram. Bem... tivemos nosso dia e nós também estamos desaparecendo. Estes dinamarqueses que jazem a seus pés... eles são agora os conquistadores. Devem ter seu dia... mas eles também passarão. Mas você virá comigo,

Homem Escuro, rei, deus, demônio ou o que for. Sim, pois tenho em mente que você me trará sorte, e sorte é o que vou precisar quando avistar Helni, Homem Escuro.

Turlogh amarrou fortemente a imagem na proa. Mais uma vez, ele seguiu viagem em seu rastreamento marítimo. Agora, os céus ficaram cinzas e a neve caía como lanças que doíam e cortavam. As ondas se granulavam de cinza com o gelo, e os ventos bramiam e batiam no barco desprotegido. Mas Turlogh não tinha medo. E seu barco avançava como nunca havia feito antes. Através do rugido do vento e da neve em movimento, ele se acelerou, e para a mente do dalcasiano, parecia que o Homem Escuro lhe ajudava. Certamente, ele teria se perdido uma centena de vezes sem ajuda sobrenatural. Com toda a sua habilidade no manuseio de barcos, ele trabalhou, e lhe parecia haver uma mão invisível no leme e no remo; que mais do que a habilidade humana o ajudava quando cuidava da vela.

E, quando o mundo inteiro se transformou num ondulante véu branco, onde até o senso de orientação do gaélico se perdeu, lhe parecia que guiava o timão em acordo com uma voz silenciosa que falava nas regiões obscuras de sua consciência. Nem se surpreendeu quando, finalmente, quando a neve parou e as nuvens se afastaram sob uma lua fria e prateada, viu a terra se erguer lá adiante e reconheceu-a como a ilha de Helni. Mais ainda, reconheceu que, bem próxima a um ponto de terra, se encontrava a baía onde o navio-dragão de Thorfel ficava ancorado quando não percorria os mares; e, noventa metros atrás da baía, se encontrava a moradia de Thorfel. Sorriu ferozmente. Nem toda a habilidade do mundo conseguiria trazê-lo a este exato local... foi pura sorte... Não, era mais do que sorte. Este era o melhor lugar possível para ele se aproximar... a oitocentos metros do domínio de seu inimigo, mas escondido da visão de qualquer vigia pelo saliente promontório. Olhou de relance o Homem Escuro na proa... pensativo, inescrutável como a esfinge. Uma estranha sensação tomou conta do gaélico... a de que tudo aquilo era trabalho dele; que ele, Turlogh, era apenas um peão no jogo. O que era aquele talismã? Que segredo sombrio aqueles olhos esculpidos continham? Por que os pequenos homens escuros lutavam tão terrivelmente por ele?

Turlogh levou seu barco para dentro da costa, numa pequena enseada. Uns poucos metros acima desta, ele ancorou e adentrou a praia. Um último olhar ao pensativo Homem Escuro na proa, e ele deu a volta e subiu apressadamente a elevação do promontório, se mantendo tão coberto quanto possível. A menos de oitocentos metros, estava ancorado o navio-dragão de Thorfel. E lá estava a moradia de Thorfel, e também a longa construção baixa de troncos mal-cortados, emitindo os raios de luz que irradiavam os fogos crepitantes lá de dentro. Gritos de bebedeira chegavam claramente a quem prestasse atenção, através do ar frio e calmo. Ele rangeu os dentes. Bebedeira! Sim, eles estavam celebrando a ruína e a destruição que haviam causado... as casas transformadas em brasas fumegantes... os homens assassinados... as jovens estupradas. Eles eram os senhores do mundo, estes vikings... todas as terras do sul estavam indefesas sob suas espadas. O povo do sul vivia só para lhes fornecer diversão... e escravos. Turlogh estremeceu violentamente e tremeu como se estivesse sentindo frio. A ânsia por sangue era para ele como uma dor física, mas lutou contra as névoas de paixão que lhe nublaram o cérebro. Ele não estava ali para lutar, mas para fugir com a garota que haviam seqüestrado.

Cuidadosamente, ele tomou nota do território, como um general revisando o plano de sua campanha. Percebeu que as árvores eram mais espessas logo atrás da moradia; que

as casas menores, os depósitos e as cabanas dos criados estavam entre a construção principal e a baía. Uma enorme fogueira ardia junto à costa, e umas poucas pessoas rugiam e bebiam ao redor, mas o frio violento havia levado muitas delas ao salão de banquetes da construção principal.

Turlogh desceu furtivamente pela ladeira de árvores grossas, adentrando o bosque que se estendia numa ampla curva, se afastando da costa. Se manteve no limite das sombras, se aproximando da moradia por um caminho mais indireto, mas temendo se aventurar em terreno aberto, onde poderia ser visto pelos guardas que Thorfel certamente havia destacado. Deuses, se ele tivesse apenas os guerreiros de Clare às suas costas, como no passado! Então, nada de se esconder feito um lobo entre as árvores! Sua mão apertou ferreamente o cabo de seu machado, enquanto visualizava a cena – o ataque, a gritaria, o derramamento de sangue... Suspirou. Era um exilado solitário; jamais voltaria a liderar os espadachins de seu clã para a batalha.

Ele se lançou subitamente na neve, atrás de um pequeno arbusto, e ficou imóvel. Homens se aproximavam da mesma direção da qual viera... homens que grunhiam ruidosamente e caminhavam pesadamente. Apareceram... eram dois enormes guerreiros escandinavos, com suas armaduras de escamas prateadas reluzindo ao luar. Carregavam algo entre eles com dificuldade e, para assombro de Turlogh, viu que era o Homem Escuro. Sua consternação, ao perceber que haviam encontrado seu barco, foi tragada por um espanto maior. Aqueles homens eram gigantes; seus braços se salientavam em músculos de ferro. Mas cambaleavam sob o que parecia um peso estupendo. Em suas mãos, o Homem Escuro parecia pesar centenas de libras, mas Turlogh havia levantado-o com a leveza de uma pluma! Ele quase blasfemou em seu assombro. Certamente, aqueles homens estavam bêbados. Um deles falou, e os cabelos curtos do pescoço de Turlogh se arrepiaram ao som dos acentos guturais, como se arrepiaria um cão ao ver um inimigo.

- Desça-o; pela morte de Thor, isso pesa quase uma tonelada. Vamos descansar.

O outro grunhiu uma resposta, e começaram a descer a imagem ao solo. Então, um deles perdeu o suporte nela; sua mão escorregou, e o Homem Escuro se chocou pesadamente contra a neve. O primeiro a falar uivou.

- Seu imbecil desajeitado, você o deixou cair em meu pé! Maldito seja, meu pé está quebrado!

- Se retorceu de minha mão! – gritou o outro – A coisa está viva, eu lhe digo!

- Então, eu a matarei! – rosnou o viking claudicante e, puxando a espada, golpeou selvagemente a figura caída. Um clarão ígneo lampejou, enquanto a lâmina se estilhaçou em cem pedaços, e o outro nórdico uivou, quando uma lasca esvoaçante de aço cortou-lhe a face.

- O demônio está nela! – gritou o outro, lançando o cabo de sua espada para longe – Eu nem sequer a arranhei! Aqui, segure... vamos levá-la à taberna e deixar que Thorfel cuide dela.

- Deixe-a. – rosnou o segundo homem, limpando o sangue do rosto – Estou sangrando feito um porco abatido. Vamos voltar e dizer a Thorfel que não há embarcação alguma se aproximando da ilha. Foi isso que ele nos mandou ver no promontório.

- E quanto ao barco onde encontramos isto? – perguntou repentinamente o outro – Algum pescador escocês, desviado de seu curso pela tempestade, e agora escondido nos bosques feito um rato, eu presumo. Vamos, me ajude: ídolo ou demônio, levaremos isto para Thorfel.

Grunhindo com o esforço, eles ergueram novamente a imagem, um gemendo e praguejando enquanto coxeava, e o outro sacudindo a cabeça de vez em quando, ao entrar sangue em seus olhos.

Turlogh se ergueu furtivamente e olhou para eles. Um calafrio subia e descia por sua espinha. Cada um daqueles homens era tão forte quanto ele, embora estivessem usando suas forças ao extremo para carregar aquilo que ele levara sem dificuldade. Sacudiu a cabeça e retomou seu caminho.

Finalmente, alcançou, nos bosques, o ponto mais próximo da moradia. Agora, era o teste crucial. De alguma forma, ele deveria alcançar aquela construção e se esconder imperceptivelmente. As nuvens estavam se acumulando. Aguardou até que uma delas cobrisse a lua e, na escuridão que veio em seguida, correu veloz e silenciosamente através da neve, se agachando. Parecia uma sombra surgida das sombras. Os gritos e canções de dentro da longa construção estavam ensurdecedores. Agora, estava próximo ao lado dela, se comprimindo contra os troncos mal-cortados. A vigilância estava certamente muito relaxada agora... mas, que inimigo Thorfel poderia esperar, quando tinha amizade com todos os saqueadores do norte, e ninguém mais podia esperar que se pudesse viajar numa noite como esta?

Uma sombra entre as sombras, Turlogh se aproximou da casa. Viu uma porta lateral e deslizou cautelosamente em direção a ela. Depois, recuou contra a parede. Alguém lá dentro estava tateando no trinco. Então, uma porta foi aberta repentinamente, e um guerreiro enorme cambaleou para fora, batendo a porta atrás de si. Então, ele viu Turlogh. Seus lábios barbados se abriram, mas naquele instante as mãos do gaélico se arremessaram à sua garganta como uma armadilha para lobos. O grito pressentido morreu num ofego. Uma das mãos voou para o pulso de Turlogh, e a outra puxou uma adaga e golpeou para cima. Mas o homem já estava inconsciente; a adaga retiniu debilmente contra a couraça do fora-da-lei e caiu na neve. O escandinavo ficou flácido sob a presa de seu matador, com a garganta literalmente esmagada sob aquele aperto férreo. Turlogh o arremessou desprezivelmente à neve e cuspiu-lhe no rosto morto, antes de se dirigir novamente para a porta.

O trinco não havia sido fechado por dentro. A porta cedeu um pouco. Turlogh olhou atentamente lá dentro e viu uma sala vazia, cheia de barris de cerveja. Entrou silenciosamente, fechando a porta sem trancá-la. Pensou em esconder o corpo de sua vítima, mas não sabia como fazê-lo. Ele deveria confiar à sorte que ninguém o visse na espessa neve onde jazia. Cruzou a sala e descobriu que ela levava a outra, paralela ao muro externo. Era também uma despensa, e estava vazia. Desta, um vão sem porta, mas guarnecido por uma cortina de peles, levava para dentro do salão principal, como Turlogh podia deduzir pelos sons do outro lado. Ele espiou cautelosamente.

Estava vendo o salão de banquetes... o grande salão que servia como sala de festas, de conselho e residência do senhor da moradia. Este salão, com suas vigas enegrecidas pela fumaça, grandes lareiras crepitantes e mesas pesadamente carregadas, era esta noite o cenário de uma terrível festança. Enormes guerreiros de barbas douradas e olhos selvagens estavam sentados ou reclinados nos rudes assentos, caminhavam a passos largos pelo salão ou jaziam ao longo do chão. Bebiam abundantemente em chifres espumantes e odres de couro, e se empanturravam com grandes pedaços de pão de centeio e enormes nacos de carne que cortavam, com suas adagas, de quartos inteiros assados. Era uma cena de estranha incongruência, pois em contraste com estes bárbaros e suas canções e gritos rudes, pendiam das paredes raros espólios que indicavam trabalho civilizado. Delicadas tapeçarias, que mulheres normandas haviam tecido; armas ricamente cinzeladas, que príncipes da França e Espanha haviam brandido; armaduras e vestimentas de seda de Bizâncio e do Oriente... pois os navios-dragão viajavam longe. Junto a estes, estavam dispostos os espólios da caça, para mostrar o domínio viking tanto sobre feras quanto sobre homens.

O homem moderno mal pode conceber os sentimentos de Turlogh O'Brien para com aqueles homens. Para ele, eram demônios... ogros que viviam no norte, só para caírem sobre o povo pacífico do sul. Todo o mundo era presa para furtar e escolher, tirar e poupar ao bel-prazer de seus caprichos bárbaros. Sua mente latejava e queimava, enquanto ele olhava. Odiava-os como só um gaélico pode odiar... a magnífica arrogância deles, o orgulho e o poder, o desprezo por todas as outras raças, os olhos severos e ameaçadores... acima de tudo, ele odiava os olhos que miravam o mundo com desprezo e ameaça. Os gaélicos eram cruéis, mas tinham estranhos momentos de sentimento e bondade. Não havia sentimento na história do escandinavo.

A visão daquela festança era como um tapa no rosto de Turlogh O Negro, e somente uma coisa era necessária para completar sua loucura. E lhe foi dada. Na cabeceira da mesa, estava sentado Thorfel o Branco: jovem, belo, arrogante, ruborizado pelo vinho e pelo orgulho. Ele era belo, era o jovem Thorfel. Sua constituição se assemelhava bastante à do próprio Turlogh, exceto por ele ser maior em tudo, mas a semelhança parava ali. Enquanto Turlogh era excepcionalmente escuro entre um povo escuro, Thorfel era excepcionalmente loiro entre um povo essencialmente branco. Seu cabelo e bigode eram como ouro finamente tecido, e seus olhos cinza-claros lançavam faíscas como relâmpagos. Ao seu lado... as unhas de Turlogh se cravaram nas palmas das mãos... Moira dos O'Brien parecia enormemente fora de lugar entre aqueles enormes homens loiros e robustas mulheres de cabelos amarelos. Era pequena, quase frágil, e seu cabelo era negro, com lustrosos matizes de bronze. Mas sua pele era clara como a deles, com um delicado matiz rosa que suas mulheres mais bonitas não podiam ostentar. Seus lábios cheios agora estavam brancos de medo, e ela se encolhia diante do clamor e do tumulto. Turlogh a viu tremer, enquanto Thorfel punha insolentemente o braço ao redor dela. O salão ondulou vermelho diante dos olhos de Turlogh, que lutou obstinadamente para se controlar.

- O irmão de Thorfel, Osric, à sua direita – ele murmurou para si mesmo –; do outro lado, Tostig, o dinamarquês, que consegue partir um boi ao meio com essa grande espada... dizem. E lá está Halfgar, Sweyn, Oswick e Athelstane, o saxão... o único homem de uma matilha de lobos do mar. E, em nome do diabo... o que é isto? Um sacerdote?

Era um sacerdote, que se sentava pálido e imóvel entre a turba, contando silenciosamente as contas de seu rosário, enquanto seus olhos vagavam piedosos para a esbelta garota irlandesa na cabeceira da mesa. Então, Turlogh viu algo mais. Numa mesa menor a um lado, uma mesa de mogno cujo rico trabalho em arabescos indicava-a como saque das terras do sul, se erguia o Homem Escuro. Os dois nórdicos feridos haviam trazido-o ao salão, apesar de tudo. Sua visão causou um estranho sobressalto a Turlogh, e acalmou-lhe o cérebro. Só um metro e meio de altura? Parecia bem maior agora, de alguma forma. Avultava sobre a folia, como um deus que medita longamente sobre assuntos profundos e obscuros, além da percepção dos insetos humanos que uivavam aos seus pés. Sempre que olhava para o Homem Escuro, Turlogh sentia como se uma porta fosse subitamente aberta a um espaço exterior e ao vento que sopra entre as estrelas. Esperando... esperando... por quem? Talvez os olhos esculpidos do Homem Escuro mirassem através dos muros da moradia, através da vastidão nevada e sobre o promontório. Talvez aqueles olhos cegos vissem os cinco barcos que, agora mesmo, deslizavam silenciosamente com remos calados, através das calmas águas escuras. Mas Turlogh nada sabia disto; nada dos barcos ou de seus silenciosos remadores: homens pequenos e escuros, com olhos inescrutáveis.

A voz de Thorfel cortou a algazarra:

- Ho, amigos!

Fizeram silêncio, e viraram-se quando o jovem rei do mar se levantou.

- Esta noite – ele trovejou –, me casarei.

Um retumbar de aplausos sacudiu ruidosamente as vigas. Turlogh praguejou, em fúria doentia. Thorfel ergueu a garota com rude suavidade e sentou-a na mesa.

- Ela não é a noiva adequada para um viking? – ele gritou – Certo, ela está um pouco envergonhada, mas é natural.

- Todos os irlandeses são covardes! – gritou Oswick.

- Como provam Clontarf e a cicatriz em sua mandíbula! – retumbou Athelstane, cuja leve alfinetada fez Oswick recuar e trouxe um rugido de rude alegria da multidão.

- Cuidado com o temperamento dela, Thorfel. – exclamou uma jovem de olhos atrevidos, sentada entre os guerreiros – As garotas irlandesas têm garras como gatos.

Thorfel riu, com a confiança de um homem acostumado a mandar:

- Ensinarei lições a ela com uma vigorosa vara de vidoeiro. Agora, chega. Está ficando tarde. Sacerdote, case-nos.

- Filha – disse o sacerdote vacilante, se erguendo –, estes pagãos me trouxeram aqui à força para celebrar um casamento cristão numa casa sem deus. Te casas voluntariamente com este homem?

- Não! Não! Oh, Deus, não! – gritou Moira, com um selvagem desespero que fez brotar suor na testa de Turlogh – Oh, santo homem, me salve deste destino! Arrancaram-me do meu lar... atacaram meu irmão, que teria me salvado! Este homem me arrastou como se eu fosse um objeto... uma besta sem alma!

- Silêncio! – trovejou Thorfel, esbofeteando-lhe a boca de leve, mas com força suficiente para fazer brotar um fio de sangue de seus delicados lábios – Por Thor, que você está ficando independente. Estou decidido a ter uma esposa, e os gritos de uma menininha chorona não vão me deter. Ah, sua mulherzinha desgraçada, não estou me casando com você à maneira cristã, simplesmente por causa de suas estúpidas superstições? Cuidado para eu não dispensar as núpcias e lhe tomar como escrava, ao invés de esposa!

- Filha – tremia o sacerdote, temeroso, não por si, mas por ela –, reflita! Este homem lhe oferece mais do que muitos homens ofereceriam. É, pelo menos, um honrável estado matrimonial.

- Sim – retumbou Athelstane –, case-se com ele, como uma boa moça, e tire o melhor proveito possível. Há mais de uma mulher das terras do sul, vivendo no norte.

“O que posso fazer?”. A pergunta dilacerava o cérebro de Turlogh. Só havia uma coisa a fazer... esperar até que a cerimônia acabasse e Thorfel se retirasse com sua recém-casada. E então, levá-la da melhor forma que pudesse. Depois disso... mas não ousava olhar adiante. Havia feito e faria o seu melhor. A necessidade o obrigara a agir sozinho; um homem sem dono não tinha amigos, nem mesmo entre os homens sem dono. Não havia meio de alcançar Moira para falar a ela de sua presença. Ela teria que ir até o fim com o casamento, sem a menor esperança de liberdade que o conhecimento da presença dele poderia lhe dar. Instintivamente, seu olhar saltou para o Homem Escuro, que se erguia sombrio e afastado do tumulto. Aos seus pés, o velho lutava com o novo – o pagão com o cristão –, e mesmo naquele momento, Turlogh sentiu que o velho e o novo eram igualmente jovens para o Homem Escuro.

Será que os ouvidos esculpidos do Homem Escuro ouviam estranhas proas rangendo na praia, o ataque de uma lâmina furtiva na noite, o gorgolejo que indica a garganta cortada? Aqueles que estavam dentro da moradia só ouviam seus próprios ruídos, e aqueles que se deleitavam junto à fogueira do lado de fora, continuaram cantando, sem notarem os silenciosos anéis da morte que se fechavam a seu redor.

- Basta! – gritou Thorfel – Conte as contas de seu rosário e murmure sua pantomima, sacerdote! Venha cá, moça, e case-se!

Arrancou a garota da mesa e lançou-a pesadamente diante de seus pés. Ela se soltou dele com os olhos flamejantes. Todo o quente sangue gaélico ardia nela.

- Seu suíno de cabelo amarelo! – ela gritou – Pensa que uma princesa de Clare, com o sangue de Brian Boru nas veias, sentaria no banco de um bárbaro e geraria as crias de cabeça de estopa de um ladrão do norte? Não... nunca me casarei com você!

- Então, lhe tomarei como escrava! – ele rugiu, agarrando-lhe subitamente o pulso.

- Nem isso, seu porco! – ela exclamou, com seu medo esquecido em feroz triunfo. Com a velocidade da luz, arrebatou-lhe uma adaga do cinto, e antes que ele pudesse agarrá-la, ela afundou a lâmina afiada sob o coração. O sacerdote gritou, como se ele tivesse sido ferido, e, saltando para a frente, pegou-a nos braços enquanto ela caía.

- A maldição de Deus Todo-Poderoso caia sobre você, Thorfel! – ela gritou, com uma voz que soou como um clarim, enquanto era levada a um leito próximo.

Thorfel ficou embaraçado. O silêncio reinou por um instante, e naquele instante Turlogh enlouqueceu:

- Lamh Laidir Abu!

O grito de guerra dos O'Brien rompeu o silêncio, como o rugido de uma pantera ferida, e, enquanto os homens viravam-se na direção do grito estridente, o exaltado gaélico surgiu da porta como uma rajada de vento do Inferno. Estava possuído pela negra fúria celta, ao lado da qual a ira bersek dos vikings fica pálida. Com os olhos ferozes e uma mancha de espuma nos lábios contorcidos, ele se movia violentamente entre os homens que, surpresos, se afastavam de seu caminho. Aqueles olhos terríveis estavam fixos em Thorfel, no outro lado do salão, mas enquanto Turlogh investia, golpeava à direita e à esquerda. Sua investida era como o ataque de um redemoinho, que deixava uma confusão de mortos e moribundos em seu rastro.

Bancos se espatifavam no chão, homens gritavam e cerveja se derramava de barris derrubados. Tão rápidos quanto o ataque do celta, dois homens bloquearam-lhe o caminho com espadas desembainhadas, antes que ele pudesse alcançar Thorfel: Halfgar e Oswick. O viking de rosto cicatrizado caiu com o crânio aberto, antes que pudesse erguer a arma, e Turlogh, recebendo a lâmina de Halfgar no escudo, atacou novamente como um relâmpago, e o machado adentrou cota-de-malha, costelas e coluna.

O salão estava num tumulto terrível. Homens pegavam suas armas e pressionavam de todos os lados; e, no meio, o solitário gaélico rugia silenciosa e terrivelmente. Turlogh era, em sua loucura, como um tigre ferido. Seu movimento medonho era um borrão de velocidade, uma explosão de força dinâmica. Mal Halfgar caíra, e o gaélico saltou sobre seu corpo encolhido até Thorfel, que havia puxado a espada e se erguia como que perplexo. Mas uma investida de criados se precipitou entre eles. Espadas se ergueram e caíram, enquanto o machado dalcasiano relampejava entre eles como os raios de uma tempestade de verão. A cada lado, pela frente e por trás, um guerreiro se dirigia a ele. De um lado, Osric investiu, brandindo uma espada com ambas as mãos; do outro, um criado da casa atacou com uma lança. Turlogh se abaixou, evitando a espada, e golpeou duas vezes – para a frente e para trás. O irmão de Thorfel caiu, ferido no joelho, e o servo morreu de pé quando o impulso da volta afundou a ponta traseira do machado em seu crânio. Turlogh se ergueu, lançando seu escudo no rosto do espadachim que o atacou pela frente. A ponta no centro do escudo fez um estrago medonho em suas feições; então, mesmo enquanto o gaélico girava como um gato para proteger as costas, sentiu a sombra da Morte avultar sobre ele. Pelo canto do olho, ele viu o dinamarquês Tostig brandindo sua grande espada com ambas as mãos, e, apertado contra a mesa e sem equilíbrio, percebeu que nem mesmo sua rapidez sobre-humana poderia salvá-lo. Então, a espada sibilante golpeou o Homem Escuro na mesa e, com o estrondo de um trovão, se despedaçou em mil fagulhas azuis. Tostig cambaleou atordoado, ainda

segurando o cabo inútil, e Turlogh golpeou como uma espada: a ponta superior de seu machado feriu o dinamarquês acima do olho, e afundou até seu cérebro.

E, mesmo naquele instante, o ar se enchia com um estranho canto, e os homens uivavam. Um enorme criado, com o machado ainda erguido, avançou desajeitadamente contra o gaélico, que arrebentou-lhe o crânio, antes de ver que uma flecha de ponta de sílex perfurava o pescoço deste. O salão parecia cheio de deslizantes raios de luz, que zumbiam como abelhas e traziam morte veloz em seu zumbido. Turlogh arriscou a vida, olhando de relance em direção à grande porta, no outro extremo do salão. Uma estranha horda irrompia através dela. Eram homens pequenos e escuros, com olhos negros como contas e rostos imóveis. Estavam mal blindados, mas traziam espadas, lanças e arcos. Agora, a curta distância, lançavam suas longas flechas negras à queima-roupa e os criados caíam como trigo cortado.

Agora, uma onda vermelha de combate varreu o salão da moradia; uma tempestade de luta que despedaçou mesas, esmagou os bancos, arrancou os objetos pendentes e troféus das paredes, e manchou o chão com um lago vermelho. Havia menos estrangeiros escuros do que vikings, mas, na surpresa do ataque, a primeira onda de flechas havia igualado as diferenças; e agora, na luta corpo-a-corpo, os estranhos guerreiros não se mostravam nada inferiores a seus enormes inimigos. Aturdidos pela surpresa e pela cerveja que haviam bebido, sem tempo para se armarem totalmente, os nórdicos ainda assim lutaram com toda a ferocidade temerária de sua raça. Mas a fúria primitiva dos atacantes se igualava à sua coragem e, no fundo do salão, onde um sacerdote de rosto pálido protegia uma garota moribunda, Turlogh O Negro rasgava e cortava com um furor que tornava a fúria e a coragem igualmente fúteis.

E, por cima de tudo, se erguia o Homem Escuro. Para os olhares ocasionais de Turlogh, entre o relampejar de espada e machado, parecia que a imagem havia crescido... se expandido... ficado mais alta; que ela avultava gigantescamente sobre a batalha; que sua cabeça se erguia em direção às vigas esfumaçadas do grande salão... que ela meditava como uma escura nuvem de morte sobre aqueles insetos que, aos seus pés, cortavam as gargantas uns dos outros. Turlogh sentiu, no relampejante jogo de espadas e na matança, que estes eram o elemento adequado para o Homem Escuro. Violência e fúria eram transpiradas por ele. O cheiro cru do sangue recém-derramado era bom para suas narinas, e aqueles corpos de cabelos amarelos, que agonizavam a seus pés, eram como sacrifícios para ele.

A tormenta da batalha sacudia o vasto salão. A moradia se tornou um matadouro, onde homens escorregavam em poças de sangue, e escorregando, morriam. Cabeças rolavam, com os dentes arreganhados, de ombros afundados. Lanças serrilhadas arrancavam o coração, ainda latejante, do peito ensangüentado. Miolos eram espalhados e coagulavam nos machados loucamente brandidos. Adagas eram arremetidas para o alto, rasgando ventres e derramando entranhas sobre o chão. O estrondo e o clangor do aço se erguiam ensurdecedores. Nenhuma trégua era dada ou pedida. Um escandinavo ferido havia puxado para baixo um dos homens escuros, e o estrangulava tenazmente, indiferente à adaga que sua vítima lhe afundava várias vezes no corpo.

Um dos homens escuros agarrou uma criança que corria uivando de uma sala interna, e arrebentou-lhe os miolos contra a parede. Outro agarrou uma mulher nórdica pela cabeleira dourada e, arremessando-a de joelhos, cortou-lhe a garganta, enquanto ela

cuspia-lhe no rosto. Quem ficasse atento a gritos de medo ou pedidos de clemência, não ouviria nenhum: homens, mulheres ou crianças, eles morriam retalhando e arranhando; seus últimos suspiros, um soluço de fúria, ou um rosnado de ódio insaciável.

E, ao redor da mesa onde se erguia o Homem Escuro, imóvel como uma montanha, fluíam as ondas vermelhas da carnificina. Escandinavos e homens das tribos morriam aos seus pés. Quantos infernos de carnificina e loucura seus estranhos olhos esculpidos já contemplaram, Homem Escuro?

Ombro a ombro, lutaram Sweyn e Thorfel. O saxão Athelstane, com sua dourada barba eriçada pela alegria do combate, ficou de costas para a parede e um homem caía a cada movimento de seu machado, empunhado com as duas mãos. Agora Turlogh chegava como uma onda, evitando, com uma ágil contorção da parte superior do corpo, o primeiro golpe maciço. Agora, a superioridade do leve machado irlandês foi provada, pois antes que o saxão pudesse mover sua arma pesada, o machado dalcasiano desceu como o ataque de uma cobra, e Athelstane cambaleou quando o fio mordeu a couraça e as costelas sob esta. Outro ataque, e ele caiu, com o sangue lhe esguichando da têmpora.

Agora, ninguém bloqueava o caminho de Turlogh até Thorfel, exceto Sweyn, e mesmo enquanto o gaélico saltava em direção à dupla de retalhadores, alguém ficou à sua frente. O chefe dos Homens Escuros deslizou como uma sombra sob o talho da espada de Sweyn, e sua própria lâmina curta golpeou para cima, sob a malha. Thorfel enfrentou Turlogh sozinho. Thorfel não era nenhum covarde: ele até riu com pura alegria de combate enquanto golpeava. Mas não havia sorriso no rosto de Turlogh O Negro; apenas uma ira desvairada, que lhe contorcia os lábios e transformava seus olhos em carvões de fogo azul.

No primeiro rodopio de aço, a espada de Thorfel quebrou. O jovem rei do mar saltou como um tigre em direção a seu inimigo, golpeando com os restos da lâmina. Turlogh riu ferozmente, enquanto a lâmina quebrada cortava-lhe o rosto; e, no mesmo instante, ele cortou o pé esquerdo de Thorfel. O nórdico caiu com um pesado estrondo, e então se esforçou para se erguer de joelhos, tateando por sua adaga. Seus olhos estavam nublados.

- Acabe logo, maldito! – ele rosnou.

Turlogh riu.

- Onde estão agora seu poder e glória? – ele zombou – Você, que iria tomar por esposa involuntária uma princesa irlandesa... você...

Súbito, seu ódio lhe sufocou e, com o uivo de uma pantera enlouquecida, brandiu seu machado num arco sibilante que partiu o escandinavo do ombro ao osso do peito. Outro golpe separou a cabeça, e com o terrível troféu na mão, ele se aproximou do leito onde jazia Moira O'Brien. O sacerdote havia erguido a cabeça dela e segurava um copo de vinho diante de seus pálidos lábios. Seus nublados olhos cinzas pousaram com um leve reconhecimento em Turlogh... mas por fim, ela pareceu conhecê-lo e tentou sorrir.

- Moira, sangue do meu coração – disse cansadamente o proscrito –, você morre numa terra estranha. Mas os pássaros nas colinas de Culland chorarão por você, e as urzes

suspirarão em vão pela pisada de seus pezinhos. Contudo, você não será esquecida: machados irão pingar por você, e por você as galeras irão se espatifar e cidades muradas pegarão fogo. Mas, para que seu fantasma vá aliviado para os reinos de Tir-na-n-Oge, contemple esta prova de vingança!

E ergueu a cabeça gotejante de Thorfel.

- Em nome de Deus, meu filho – disse o sacerdote, com a voz enrouquecida pelo horror –, já basta, já basta. Você fará seus atos medonhos até em presença de...? Veja, ela está morta. Que Deus, em Sua justiça infinita, tenha piedade de sua alma, pois embora ela haja tirado a própria vida, morreu como vivera: na inocência e na pureza.

Turlogh repousou a cabeça de seu machado no chão e inclinou a própria cabeça. Todo o fogo de sua loucura havia deixado-o, e lá permanecia apenas uma escura tristeza, uma profunda sensação de futilidade e de fadiga. Em todo o salão, não havia som algum. Nenhum gemido de feridos se erguia, pois as lâminas dos pequenos homens escuros haviam trabalhado e, exceto os deles próprios, não havia feridos. Turlogh percebeu que os sobreviventes haviam se reunido ao redor da estátua na mesa e estavam mirando-o com olhos inescrutáveis. O sacerdote murmurava sobre o corpo da jovem, manuseando as contas de seu rosário. As chamas devoravam a parede mais afastada da construção, mas ninguém prestava atenção. Então, dentre os mortos no chão, uma forma enorme se ergueu cambaleando. Athelstane, o saxão, ignorado pelos matadores, se apoiou na parede e olhou atordoado ao seu redor. O sangue lhe escorria de um ferimento nas costelas, e de outro no couro cabeludo, onde o machado de Turlogh havia golpeado de leve.

O gaélico se aproximou dele.

- Não tenho ódio de você, saxão – ele disse pesadamente –, mas sangue pede sangue, e você deve morrer.

Athelstane olhou para ele sem responder. Seus grandes olhos cinzas estavam sérios, mas sem medo. Ele também era um bárbaro – mais pagão do que cristão. Ele também compreendia os direitos da rixa de sangue. Mas, quando Turlogh ergueu o machado, o sacerdote lançou-se entre eles, com as mãos magras estendidas e os olhos desvairados.

- Chega! Em nome de Deus, eu te ordeno! Pelo Todo-Poderoso, já não se derramou sangue bastante nesta noite temível? Em nome do Altíssimo, peço por este homem.

Turlogh deixou cair o machado.

- Ele é seu; não por seu juramento ou sua maldição, não por seu credo, mas porque você também é um homem e fez o melhor possível por Moira.

Um toque em seu braço fez Turlogh virar-se. O chefe dos estrangeiros continuava mirando-o com olhos inescrutáveis.

- Quem é você? – perguntou o gaélico, sem interesse. Ele não se importava; só sentia cansaço.

- Sou Brogar, chefe dos pictos, Amigo do Homem Escuro.

- Por que me chama assim?

- Ele viajou na proa de seu navio e lhe guiou até Helni através do vento e da neve. Ele salvou sua vida ao quebrar a grande espada do dinamarquês.

Turlogh olhou para o pensativo Escuro. Parecia haver uma inteligência humana ou sobre-humana atrás daqueles estranhos olhos de pedra. Foi apenas o acaso que fez a espada de Tostig bater na imagem, quando ele a brandia com um golpe mortal?

- O que é esta coisa? – perguntou o gaélico.

- É o único Deus que nos resta. – respondeu sombriamente o outro – É a imagem de nosso maior rei, Bran Mak Morn, que reuniu as linhas dispersas das tribos pictas numa única e poderosa nação, expulsou nórdicos e bretões, e destruiu as legiões de Roma, séculos atrás. Um feiticeiro fez esta estátua quando o grande Morni ainda vivia e reinava; e quando ele morreu na última grande batalha, seu espírito entrou nela. É nosso deus.

"Eras atrás, nós governamos. Antes dos dinamarqueses, antes dos gaélicos, antes dos bretões, antes dos romanos, nós reinamos nas ilhas ocidentais. Nossos círculos de pedra se erguiam em direção ao sol. Trabalhávamos em sílex e peles, e éramos felizes. Então, chegaram os celtas e nos empurraram para as selvas. Eles dominaram o sul. Mas prosperamos no norte e nos fortalecemos. Roma subjugou os bretões e veio contra nós. Mas, se ergueu entre nós Bran Mak Morn, do sangue do lanceiro Brule, o amigo do rei Kull da Valúsia, que reinou há milhares de anos, antes da Atlântida afundar. Bran se tornou rei de toda a Caledônia. Ele quebrou as fileiras de ferro de Roma e expulsou as legiões, que se refugiaram ao sul, atrás de seu Muro.

"Bran Mak Morn caiu em combate; a nação se fragmentou. Guerras civis sacudiram-na. Vieram os gaélicos e construíram o reino de Dalriadia sobre as ruínas de Cruithni. Quando o escocês Kenneth Mc Alpine destruiu o reino de Galloway, o último remanescente do império picto se dissolveu como neve nas montanhas. Hoje, vivemos como lobos entre as ilhas dispersas, entre os penhascos das terras altas e as escuras colinas de Galloway. Somos um povo que desaparece. Estamos passando. Mas o Homem Escuro permanece... o Escuro, o grande rei, Bran Mak Morn, cujo fantasma mora para sempre na pétrea aparência de como era em vida".

Como num sonho, Turlogh viu um ancião picto, que parecia muito com aquele em cujos braços mortos ele encontrara o Homem Escuro, erguer a imagem da mesa. Os braços do velho eram magros como galhos secos, e sua pele se aderia ao crânio como a de uma múmia, mas ele carregou facilmente a imagem que dois vikings fortes tiveram problemas em carregar.

Como que lendo seus pensamentos, Brogar falou suavemente:

- Só um amigo pode tocar com segurança o Escuro. Ele sabia que você é um amigo, pois viajou em seu barco e não lhe fez mal.

- Como sabe disto?

- O Ancião – apontando o velho de barba branca –, Gonar, grande sacerdote do Escuro... o fantasma de Bran aparece a ele em sonhos. Foi Grok, sacerdote menor, e seu povo que roubaram a imagem e se lançaram ao mar num grande navio. Em sonhos, Gonar seguiu; sim, enquanto dormia, enviou seu espírito com o fantasma de Morni, e viu a perseguição dos dinamarqueses e a matança na Ilha das Espadas. Viu você chegar e encontrar o Escuro, e viu que o fantasma do grande rei gostava de você. Ai dos inimigos de Mak Morn! Mas a boa sorte acompanhará os amigos dele.

Turlogh voltou a si como de um transe. O calor do salão queimando alcançava-lhe o rosto, e as chamas palpitantes iluminavam e ensombreciam o rosto esculpido do Homem Escuro, enquanto seus adoradores carregavam-no para fora, emprestando uma estranha vida a ele. Era verdade que o espírito de um rei há muito tempo morto vivia naquela pedra fria? Bran Mak Morn amou seu povo com um amor selvagem; e odiou seus inimigos com um ódio terrível. Seria possível descansar, dentro de pedra inanimada, vibrantes amor e ódio que iriam sobreviver aos séculos?

Turlogh levantou a forma leve e esguia da moça morta, e tirou-a do salão em chamas. Quatro longos barcos abertos estavam ancorados e, espalhados ao redor das brasas da fogueira que os criados acenderam, jaziam os corpos avermelhados dos farristas que haviam morrido silenciosamente.

- Como se aproximaram deles sem serem descobertos? – perguntou Turlogh – E de onde vieram, nestes barcos abertos?

- A furtividade da pantera em quem vive furtivamente. – respondeu o picto – E estes aí estavam bêbados. Seguimos o caminho do Escuro e chegamos da Ilha do Altar, próxima à terra dos escoceses, da qual Grok roubara o Homem Escuro.

Turlogh não conhecia ilha alguma com aquele nome, mas percebia a coragem destes homens em desafiar os mares em barcos como estes. Pensou em seu próprio barco e pediu a Brogar que enviasse alguns de seus homens para buscá-lo. O picto o fez. Enquanto esperava que o trouxessem, ao redor do promontório, observou o sacerdote pondo ataduras nos ferimentos dos sobreviventes. Silenciosos e imóveis, não falavam uma só palavra de queixa ou agradecimento.

O barco do pescador apareceu, deslizando ao redor do promontório, no exato momento em que a primeira insinuação do amanhecer avermelhava as águas. Os pictos estavam adentrando seus barcos, levando neles os mortos e feridos. Turlogh entrou no seu barco e, de forma branda, depositou sua penosa carga.

- Ela dormirá em sua própria terra. – ele disse sombriamente – Não jazerá nesta fria ilha estrangeira. Brogar, para onde irá?

- Levaremos o Escuro de volta à sua ilha e altar. – disse o picto – Ele lhe agradece através da boca de seu povo. Há um laço de sangue entre nós, gaélico, e talvez cheguemos a você quando precisar, como Bran Mak Morn, grande rei de Pictdom, voltará ao seu povo em algum dos dias que virão.

- E você, bom sacerdote? Virá comigo?

O sacerdote sacudiu a cabeça e apontou para Athelstane. O saxão ferido descansava num rude leito de peles empilhadas na neve.

- Fico aqui para cuidar deste homem. Ele está gravemente ferido.

Turlogh olhou ao redor. As paredes da moradia haviam se despedaçado numa massa de brasas incandescentes. Os homens de Brogar haviam incendiado os armazéns e a longa galera, e a fumaça e as chamas competiam lividamente com a crescente luz do dia.

- Você vai congelar ou morrer de fome. Venha comigo.

- Encontrarei sustento para nós dois. Não tente me persuadir, meu filho.

- Ele é um pagão e um saqueador.

- Não importa. É um ser humano... uma criatura viva. Não o deixarei morrer.

- Que seja.

Turlogh se preparou para zarpar. Os barcos dos pictos já estavam contornando o promontório. Os estalos rítmicos de seus remos chegaram claramente até ele. Não olharam para trás, inclinados impassivelmente sobre seus trabalhos.

Ele olhou para os corpos rígidos ao redor da praia, para as brasas carbonizadas da moradia e as madeiras incandescentes da galera. Na luz deslumbrante, o sacerdote parecia sobrenatural em sua magreza e brancura, como um santo de algum velho manuscrito iluminado. Em seu exausto rosto pálido, havia uma tristeza mais que humana, um cansaço mais que humano.

- Veja! – ele gritou subitamente, apontando o mar – O oceano está em sangue! Veja como se avermelha ao sol nascente! Oh, meu povo, meu povo, o sangue que vocês derramaram em fúria transforma o próprio mar em escarlate! Como pode atravessá-lo?

- Eu cheguei na neve e na chuva. – disse Turlogh, não entendendo a princípio – Eu vou como cheguei.

O sacerdote sacudiu a cabeça.

- É mais que um mar mortal. Suas mãos estão vermelhas de sangue, e você segue uma rota vermelha, embora a culpa não seja totalmente sua. Deus Todo-Poderoso, quando terminará o reinado do sangue?

Turlogh sacudiu a cabeça.

- Não terminará enquanto a raça existir.

O vento da manhã inchou sua vela. Correu para o oeste, como uma sombra desaparecendo na aurora. E assim, Turlogh Dubh O'Brien sumiu da vista do sacerdote,

que ficou observando, protegendo a testa cansada com a mão magra, até o barco se tornar um ponto minúsculo, bem distante nos ermos encapelados do oceano azul.

Tradução: Fernando Neeser de Aragão.

Fonte: http://gutenberg.net.au/ebooks06/0608071h.html